
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p. 537-553

ISSN: 2237-0315

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

Constructing the identity process: the social knowledge and formative spaces for the awareness of formation process

Veruschka Silva Santos Melo
Ariadne da Costa Peres Contente
Luan Sidônio Gomes
Universidade Federal do Pará-UFPA
Belém-Pará-Brasil

Resumo

O papel da educação na contemporaneidade ergue-se por meio de diversos pressupostos, entre eles a mudança paradigmática e sua maneira de compreender as tramas educativas a partir da complexidade. Neste sentido, o papel do professor é de suma importância, uma vez que ele necessita compreender a totalidade na qual o conhecimento é tecido. Baseando-se nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender quais identidades profissionais unem e movem nove professores/alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGCEM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), haja vista que esses sujeitos integram cursos formativos distintos, em que cada um deles possui suas especificidades de saberes e também características as quais os aproximam do saber “ser e fazer docente”, que trazem sustentação para compreender o processo educativo e lhes fazem comungar identidades docentes singulares.

Palavras-chave: Identidade docente. Formação. Contextos de atuação.

Abstract

The role of education currently have been raised through various assumptions in which the paradigmatic change and its way of understanding paves the educational complexity. In this sense, the teacher needs to understand the context wherein he constructs knowledge. This article aims to comprehend which professional identities unite nine teachers/students of the Postgrad Program in Education of Science and Mathematics (PPGCEM) of the Federal University of Pará (UFPA). Those individuals take part in separate training courses, and each one of them has their specific knowledge as well as features that bring them closer to the ultimate comprehension of “how to be a teacher and how to teach”, which bring them support to realize the educational process and make them share unique teaching identities.

Keywords: Teaching identity. Formation. Contexts of practice.

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

Introdução

Identidade

Preciso ser um outro
Para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
Sou o pólen sem insecto
Sou areia sustentando
O sexo das árvores
Existo onde me desconheço
Aguardando pelo meu passado
Ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato morro
No mundo por que luto nasço.

Mia Couto, em “Raiz de Orvalho e Outros Poemas”

Pesquisar sobre identidades na contemporaneidade é caminhar por trajetórias tão fluidas que nos constroem e constituem-se entre o “eu e o nós”, porque, como afirma Mia Couto (2019), é “preciso ser um outro, para ser eu mesmo (...) e existo onde me desconheço”. Ou seja, as minhas identidades são e estão em construção onde nem mesmo o “eu” pode determinar.

A identidade projetada pelo autor constrói-se individual e coletivamente, e tal entrelaçamento é deveras arraigado e imperceptível, inicia-se uma e termina em outra. No entanto, o que significa a palavra “identidade”? Conceituar algo é, conforme Barros (2011), muito importante haja vista que há uma necessidade de se fazer compreender. Portanto, é necessário apreender que a significação de cada conceito precisa estar alinhada com o contexto a ser utilizado, pois o “conceito”,

Pode ser entendido como uma formulação abstrata e geral, ou pelo menos uma formulação passível de generalização, que o indivíduo pensante utiliza para tornar alguma coisa inteligível nos seus aspectos essenciais ou fundamentais, para si mesmo e para outros. (BARROS, 2011, p. 02, grifo nosso).

Destarte, percebemos que pensar em um conceito de “identidade” na atualidade requer a compreensão de um contexto no qual a palavra é embebida. Assim, o conceito constitui uma espécie de:

Órgão para a percepção ou para a construção de um conhecimento sobre a realidade, mas que se dirige não para a singularidade do objeto ou evento isolado, mas sim para algo que liga um objeto ou evento a outros da mesma

natureza, ao todo no qual se insere, ou ainda a uma qualidade de que participa. (BARROS, 2011, p. 02, grifo nosso).

É necessário aprender o termo “identidade” a partir de suas múltiplas significações, seja nos campos sociológico, filosófico e epistemológico porque, para compreender as questões contemporâneas, precisamos entender a complexidade inerente ao termo.

A palavra “identidade” é abrangente e complexa em significado e nos remete tanto ao tempo quanto à atemporalidade. De natureza polissêmica, segundo o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015), significa uma “série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las”. Entretanto, esse significado perde o seu sentido no contexto da contemporaneidade pois denota características individuais, ignorando o seu caráter coletivo intrínseco. De acordo com Bauman (2005, p. 17), absorvemos o termo quando:

O “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, *são bastante negociáveis e revogáveis*, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a *determinação de se manter firme a tudo isso* (BAUMAN, 2005, p. 17, grifos nossos).

A partir de tais negociações e revogações, percebemos que os contextos de vivência e atuação docentes constroem-se com o outro. Dubar (2009, p. 53) afirma que “estas formas de identidade são inseparáveis das relações sociais, que são também formas de alteridade. Não existe identidade sem alteridade, isto é, sem relação entre si e o próprio outro”. A polissemia do termo é passível de uma variedade de interpretações. Logo, é debatido em vários contextos – social, político, econômico, educacional, entre outros – e por entendermos que sua significação ultrapassa fronteiras, é que nesse trabalho abordaremos a identidade profissional docente, a qual nos últimos tempos está apropriando-se de sentido na perspectiva da formação profissional. Assim, buscamos compreender como a identidade profissional docente é construída na contemporaneidade, haja vista que suas implicações no contexto formativo são relevantes.

Identidade profissional docente em evidência

A complexidade do contexto educacional na contemporaneidade nos força a lidar de maneira ímpar com os desafios que emergem e submergem há muito tempo, a saber:

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

o processo de ensino-aprendizagem, as relações pessoais e interpessoais, o conceito de educação, as questões curriculares, entre outros. Ou seja, em cada uma dessas proposições há uma visão humana, de mundo e sociedade que, embora serão analisadas no presente trabalho por uma questão didática, todas são naturalmente intrincadas entre si.

Precisamos refletir sobre como a busca por uma identidade profissional docente é afetada pela contemporaneidade. Será que os processos formativos contribuem para o fortalecimento de uma ou várias identidades docentes na então denominada *modernidade líquida* de Bauman (2001)? Os professores compreendem a importância da construção diária de suas identidades? As mudanças paradigmáticas são catalisadores de uma crise identitária, como sugere Dubar (2009)? Há semelhanças nas identidades docentes de professores em relação às suas diferentes escolhas formativas (Ciências Naturais, Biologia, Matemática, Pedagogia, entre outras) e campos de atuação (anos iniciais, ensino médio, ensino superior etc.)?

A partir dos questionamentos citados, nos ancoramos nas discussões sobre a temática com os pensamentos dos seguintes autores: Dubar (2009), Bauman (2005), Nóvoa (2007), Pimenta (1999, 2012), os quais discutem os fundamentos da identidade e formação docente.

Escrever sobre identidade profissional docente não é uma tarefa fácil porque a concepção histórica de “ser professor” perpassa por questões políticas, socioeconômicas, culturais, filosóficas e educacionais, entre outras; o que nos remete a uma trilha de conhecimentos diversos, esse que se constrói em maior ou menor grau de acordo com cada época e sociedade.

Segundo Dubar (2009, p. 08), a identidade divide-se em dois grupos: a essencialista, ou seja, a essência do ser não modifica “o ser é e o não ser não é”; e a nominalista, que considera a construção da identidade através de uma mudança, de acordo com uma época. No presente artigo, assumimos o termo “identidade” como nominalista por conceber que a identidade é construída e desconstruída no cotidiano.

As identidades são construídas em sujeitos e estão divididas em setores da vida social: família, trabalho, igreja, relações interpessoais. Já o processo de profissionalização é entendido por “identidades profissionais no sentido definido no fim do primeiro

capítulo (configurações Eu-Nós) e assim podemos detectá-las no campo das atividades de trabalho remuneradas”. (DUBAR, 2009, p. 99). De tal modo, para o autor, a *profissionalização* destaca-se como o paradigma da modernidade e traz consigo o pressuposto da racionalidade técnica: os empregos tendem a perder suas identidades ou elas transformam-se com base em novos pressupostos, tais como as *competências*.

Por muito tempo, a profissão docente é discutida dentro dos mais diversos parâmetros. A competência é uma delas e é abordada por Perrenoud (2002, p. 30) como uma “faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”. Entretanto, Dubar (2009) ressalta o trabalho como uma relação de serviço, em que considera essa transformação a mais significativa do trabalho em relação às competências, porque se trata de transformar os funcionários em profissionais (fornecedores de serviços), o que fundamenta uma forte discussão a partir da década de 1980, quando o processo de desvalorização profissional adquire altos índices.

Portanto, segundo Nóvoa (2007, p. 2-3), a profissionalização requer do professor uma “profissionalidade docente que não pode deixar de se construir no interior de uma personalidade do professor”. Isso nos leva a refletir que “é preciso fazer um esforço para manter a lucidez e, sobretudo, para construir propostas educativas que nos façam sair deste círculo vicioso e nos ajudem a definir o futuro da formação de professores”.

O ambiente de investigação

As discussões surgiram a partir de duas disciplinas cujas temáticas em questão foram “identidade docente” e “formação docente”, ofertadas aos alunos de mestrado e doutorado em um Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências e Matemáticas (PPGECM) do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA) nos anos de 2017/2018. Buscou-se, considerando as características de cada área e suas identidades (social, cultural, profissional, pessoal, de gênero etc.), compreender o que nos identifica enquanto um grupo de estudo tão multifacetado; buscaram-se, também, eventuais semelhanças entre os professores no que diz respeito às suas diferenças de cursos e campos de atuação, o que nos direcionam a uma identidade docente única e indispensável para lidar com as denominadas “crises de identidade”.

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

A turma analisada é composta por mestrandos e doutorandos do PPGCEM, e caracteriza um grupo heterogêneo tanto em seus traços profissionais quanto em suas identidades. Partindo-se desse contexto, pensar no processo de formação do professor é essencial para o enfrentamento do “fazer docente” na atualidade, pois os espaços formativos estão repletos de ações didático-pedagógicas, epistemológicas, filosóficas e psicológicas que influenciam tais identidades docentes.

Apresentamos relatos de sete professores-alunos participantes da disciplina *Formação do Professor Formador* no primeiro semestre de 2017 e a disciplina *Tópicos Especiais* no segundo semestre de 2017, a fim de pesquisar a identidade docente. Usamos nomes fictícios para os sujeitos, com o intuito de preservar sua privacidade. A seguir, o quadro 1 demonstrativo dos professores-alunos em seus respectivos cursos de graduação e áreas de pesquisa.

Quadro 1: Perfil dos professores-alunos

| Pseudônimo | Curso | Área de pesquisa |
|-------------------|-------------------|-------------------------|
| Prof. Carlos | Ciências Naturais | Ensino de Ciências |
| Profa. Marta | Pedagogia | Ensino de Matemática |
| Prof. Lucas | Biologia | Ensino de Ciências |
| Profa. Cléa | Ciências Naturais | Ensino de Ciências |
| Profa. Sandra | Biologia | Ensino de Ciências |
| Prof. Roberto | Biologia | Ensino de Ciências |
| Profa. Débora | Pedagogia | Ensino de Ciências |

Fonte: Elaboração própria

Metodologia

A metodologia empregada inclui a pesquisa narrativa e a Análise Textual Discursiva por entendermos que as narrativas de si e do outro não constituem fatos em sequência, mas sim *fatias de vida* que remetem a história de vida de outrem. A significação atribuída às pequenas fatias obedece ao olhar de quem se debruça sobre elas. Utilizo a Análise Textual Discursiva para tecer conexões entre as histórias de vidas, e emprego os três momentos da obra de Moraes e Galiuzzi (2007) para compreender as narrativas dos sujeitos. A desconstrução dos textos é a etapa inicial, onde o texto nos direciona de modo tímido aos sentidos simbólicos; e a categorização constitui o início das categorias e elementos reunidos, além da captação do novo emergente.

Utilizo também a pesquisa de narrativas por meio de gravações de áudio e mensagens de texto via e-mail para futura transcrição. De posse do material coletado, organizei os eixos de análises com base nos estudos de Moraes e Galiazzi (2007). O trabalho é desenvolvido a partir dos seguintes questionamentos: segundo sua história de vida, o que levou você a escolher a carreira docente? Como você se desenvolveu? Em sua opinião, o que significa “ser professor” na contemporaneidade? Quais os três últimos cursos de formação que você participou ou participa? Qual a importância da formação continuada para sua prática docente? Qual foi seu objetivo ao matricular-se nessa disciplina? Quais eram suas expectativas quanto a isso? O que ela contribuiu para sua formação?

A partir do supracitado, emergiram três eixos de análise: 1) a identidade docente e história de formação em construção, os desafios da profissão como (des)estabilizadores de identidades; 2) a compreensão de si enquanto sujeito formador de professores; e 3) os espaços de formação docente, formas identitárias matizadas na contemporaneidade. Os eixos a seguir procuram compreender os aspectos identitários narrados pelos professores e incluo-me entre eles uma vez que também participei das formações.

Identidade docente e história da formação em construção

Surgiram nos últimos anos discussões sobre a influência da história de formação docente vir anteriormente à formação técnica de professores em si. Seja nos campos sociológico, filosófico ou educacional, as identidades decorrentes de narrativas dos professores-alunos nos direcionam a uma não identidade rígida. Encontramos nas falas dos sujeitos uma compreensão da complexidade do termo “identidade”, como algo que “existe de único e aquilo que é partilhado (...). Não há, nesta perspectiva, identidade sem alteridade. As identidades, assim como as alteridades, variam historicamente e dependem do seu contexto de definição”. (DUBAR, 2009, p. 8).

As escolhas profissionais iniciam-se no seio da família, na escola ou universidade, ou seja, o processo de construção profissional cinge-se na história pessoal e profissional (NÓVOA, 2013). Essa tessitura é relevada em cada relato dos professores. O Prof. Carlos destaca os educadores que, segundo ele, “no ensino fundamental e médio, marcaram aquele momento, professores de história, biologia e língua portuguesa em especial” afirmando que, “recorda com nitidez as suas atuações em sala de aula”.

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

Pode-se inferir que o modo como os professores conduziram suas aulas foi essencial para que o Prof. Carlos se lembrasse de suas atuações. As marcas deixadas pelos professores revelavam-se em formas de adjetivos, como ele relata, com “suas atuações em sala de aula, atenciosos, pacientes, cuidados com os estudantes e com um modo de ensinar aquele conteúdo de modo encantador, com leveza”. O Prof. Carlos, ao refletir sobre os caminhos que o levaram à docência, não encontra elementos da infância ou adolescência, não de modo consciente. Entretanto, ele revela em sua aula os adjetivos que comunga agora como professor.

Antes de atuar, os professores já vêm com uma imagem de como querem ser e o que não querem ser.

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já sabendo que é ser professor. (...) Experiência que lhes possibilita saber quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos para suas vidas, isto é, para sua formação humana. (PIMENTA, 1999, p. 20).

Alguns dos professores consideram a família como um forte elemento em suas escolhas profissionais:

[...] a decisão da docência já fazia parte de mim, pois vim de uma família de professores: minha mãe é professora de português, minha tia é pedagoga, minha avó não era formada, porque naquele tempo era uma coisa muito difícil, mas trabalhava como diretora em uma escola. (Profa. Cléa).

[...] A minha opção profissional pela docência está fortemente ligada à minha história de vida pessoal. Por isso, o magistério é para mim uma questão umbilical, uterina e profundamente afetiva; pois, desde minha infância vivida no interior, eu já brincava de “ser professora” de crianças da comunidade, fossem as mais velhas, as de minha idade ou as mais novas, todas eram minhas “alunas”. (Profa. Marta).

A construção identitária docente é ligada ao seio familiar. Seja no sentido de atuar ou não na docência, é no campo da família que surge a decisão pela carreira docente. Ao comparar os relatos, há a concordância de que a docência tem seu valor, entretanto, o outro lado da moeda também prevalece nas opiniões familiares: a nítida desvalorização do professor na sociedade brasileira.

Conforme Dubar (2009, p. 56), em paráfrase de Durkheim, “a família continua a ser uma instituição necessária para a coesão moral e a reprodução das sociedades modernas”, isto é, a família contribui de modo significativo para a composição de nossas

identidades. Quase todos os professores elencaram a desvalorização profissional como um elemento considerável para desestabilizar suas escolhas profissionais. Essas questões permeiam as narrativas dos professores, permeadas pela necessidade de superar os desafios diários da profissão, desde a “desvalorização profissional - salarial e social -, até as questões de condição de trabalho”, relatou a Profa. Cléa.

O Prof. Lucas narra também o desprestígio da profissão por meio de conversas com familiares:

Os meus pais não valorizam a profissão, minha mãe largou a profissão de professora alfabetizadora para investir em um atelier de costura, porque ela dizia que dava mais dinheiro, tinha um retorno maior financeiro e de reconhecimento profissional.

As famílias mostram-se preocupadas com a baixa remuneração e o conseqüente desprestígio profissional da carreira docente. Esse pensamento é evidente também na fala da Profa. Sandra, cuja trajetória de vida lhe permitiu seguir outro rumo profissional, se quisesse, pois:

[...] ao mesmo tempo em que eu via minha mãe sendo professora, corrigindo os cadernos dos alunos, sendo amiga dos alunos, ela falava a mesma linguagem dos adolescentes, eu também via a minha mãe negando a profissão dizendo que era uma profissão muito difícil, que ganhava muito pouco.

O processo de valorização da carreira docente foi um dos fatores que impulsionaram pesquisas na década de 1980, especialmente sobre os saberes docentes, partindo do princípio de que não era qualquer pessoa que poderia lançar-se à docência; havia, entretanto, a necessidade de uma base de conhecimentos para atuar como professor. Dubar (2009, p. 141) se propõe a explicar a construção identitária pessoal e assume a tese de que:

As crises estão no seio destas construções frágeis e inacabadas que é a construção deste sujeito mergulhado em uma forma social dominante, societária. Ele propõe uma interpretação sociológica da emergência deste novo imperativo: construir sua identidade pessoal.

A crise pessoal é alicerçada pela contemporaneidade ao provocar neste “eu” um estado de insuficiência e instabilidade, como expõe o autor, por meio da “aprendizagem cumulativa, linear, específica, de uma estabilidade adulta” (DUBAR, 2009, p. 141). Essa realidade é caracterizada pela *mudança*, que se tornará a causa de crises ou de se reconhecer como ser complexo em busca de uma compreensão de si.

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

O processo de desvalorização profissional e a perda de direitos básicos também revelam uma instabilidade identitária, como o exposto pela Profa. Cléa.

Acho muito importante ver a docência como uma profissão séria e não criar ilusões sobre o que ela é, ainda mais nesse momento em que estamos correndo riscos de perder direitos básicos conquistados.

A fala, ainda, é reforçada pelo Prof. Roberto.

Acho que hoje em dia o papel do professor... ser professor hoje em dia é muito difícil, não pelo ponto de vista assim, acadêmico, mas eu vejo que a profissão, pelo menos no nosso país, perdeu um pouco o seu valor. A sociedade não valoriza a profissão desde o professor da educação infantil, da educação básica e do ensino superior. Então, a gente vê algumas profissões sendo mais valorizadas e reconhecidas do que a nossa.

Nota-se uma preocupação crescente nas narrativas dos professores e tal inquietação leva muitos deles a se autoconhecerem para poder, então, lidar com os desafios da contemporaneidade. A reflexão sobre si conduz o sujeito a uma contextualização e, portanto, reconhecer o quão complexo é o homem, o mundo e a sociedade na qual estão inseridos.

A compreensão das identidades de si enquanto sujeitos formadores de professores

Segundo Nóvoa (1992 a, p. 06), a profissão docente é um conjunto de elementos erguidos pelo conhecimento de si e dos outros. Há complementos advindos de vários contextos, contudo, os aspectos críticos reflexivos cerceiam essa formação e o autor destaca “que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos”. Essa conexão entre as diferentes composições de si é o que enriquece a formação. A reflexão, criatividade e criticidade acompanham as narrativas da Profa. Sandra.

[...] a gente trabalhava muito em parceria, fazia ações juntos, então isso me ajudou muito a pensar o trabalho pedagógico na escola. A gente montou uma equipe na escola, fazia projetos. Então é assim, realmente, era aquele trabalho que me encantava [...] e foi muito importante para mim, todo esse caminho que eu trilhei foi me constituindo professora, e foi me fazendo apaixonar realmente.

A professora inicia um processo de reflexão-ação vital para a percepção de suas identidades docentes, as quais permeiam o eu (professor) e o nós (outros). A professora Cléa relata que, ao pensar em uma identidade docente, “foi identificando-se e

reconhecendo-se com as questões ali postas (família, religião, política, cultura, entre outras) e como elas constituem quem ele é”. Essas questões manifestam-se subjetivas e guiam o olhar do educador para o “ver-se como professor e ver outro professor”, visualizando a metamorfose de identidades na construção do sujeito, manifestadas em diversas formas. Conforme Nóvoa (2007, p. 7-8, grifo nosso),

Temos caminhado no sentido de uma melhor compreensão do ensino como *profissão do humano e do relacional*. As dificuldades levantadas pelos “novos alunos” (por aqueles que não querem aprender, por aqueles que trazem novas realidades sociais e culturais para dentro da escola) chamam a atenção para a dimensão humana e relacional do ensino, para esse corpo-a-corpo diário a que os professores estão obrigados.

Entendemos que a compreensão de si também leva em conta a maneira como podemos compreender o outro. Considero relevante o olhar para a prática a partir da reflexão, pois, segundo Schön (2000), esse processo nos conduz a múltiplos fatores que contribuem principalmente para o conhecimento de si, “(...) via ali o interesse em aprender e entender a minha entidade docente, o que me constitui e me identifica como um ser que ensina. Ao longo dos encontros, ia percebendo a complexa e dinâmica teia que é a identidade”.

A compreensão de si retira um pouco a ênfase em um ser que carece de várias competências para atuar na docência. Dubar (2009, p. 99, grifo nosso) enfatiza o trabalho como realização de competências pois:

O Saber, saber-fazer e o saber-estar e destaca que, “já não é nem a escola, nem a empresa que produzem as competências (...) são os próprios indivíduos é que são responsáveis por ela. *Cabe-lhes a eles adquiri-las e são eles que sofrem se as não tiverem.*

Considerando o contexto supracitado, Nóvoa (2007, p. 7) refere-se à necessidade de tecer “um conhecimento pessoal (um autoconhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar (de capturar) o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica”. Toca-se aqui em qualquer coisa indefinível e presente no núcleo da identidade profissional docente. Percebemos que os professores em questão estão embebidos nesses pressupostos, porque veem a urgência da educação em requerer profissionais capazes de resolver situações-problema. O Prof. Carlos relata que compreendendo as demandas atuais, os problemas atuais, a fim de que estes sujeitos possam fazer escolhas, que possam se posicionar e compreender sua importância no mundo contemporâneo. Para tanto, ser professor na contemporaneidade

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

é ensinar conteúdos considerando a complexidade planetária, a solidariedade, a igualdade e a diferença, o local e o global. Isto requer que o professor contemporâneo tenha conhecimento de si, que compreenda sua incompletude como sujeito em constante transformação, sujeito reflexivo sobre o que, para que, para quem e como ensinar.

A compreensão de si enquanto formador de professores requer espaços formativos que consideram a docência em toda sua complexidade. O ato de educar no século XXI é matizado em questões de ordem filosófica, epistemológica e metodológica, em um plano mais avançado. A partir do exposto acima, surgiu um eixo de análise que aponta os espaços formativos como um dos mecanismos decisivos para atuar na docência na contemporaneidade.

Espaços de formação docente e formas identitárias matizadas na contemporaneidade

Os espaços formativos docentes surgiram nas narrativas dos sujeitos como “molas-propulsoras” da reflexão-ação-reflexão da própria prática, pois ao nos debruçarmos nos textos sugeridos na disciplina, nota-se o processo supracitado que, conforme Schön (2000), é necessário para a compreensão da formação, para incidir no processo e auto formação da prática docente.

Garcia (2009) identifica os elementos *unificadores* como fornecedores de subsídios amalgamados aos profissionais com especificidades diferentes, porém, que se apropriam de elementos que convergem na profissão docente. Características essas que norteiam um educar na contemporaneidade, como informa o Prof. Carlos que considera a formação contínua e “direciona o olhar sobre a pesquisa, o que acabou por *motivar a pesquisar* sobre a prática pesquisa”. Ele compreende também que a formação continuada é fundamental para a prática docente porque possibilita ao professor ampliar seu olhar sobre o ensino e toda sua complexidade.

Em relação à discussão proposta na disciplina do curso, o Prof. Carlos compreende a formação de professores a partir do olhar da identidade profissional docente: “percebo, hoje, que o debate sobre a identidade docente pode contribuir de modo significativo na formação de professores, bem como criar possibilidades para melhor compreender situações de ensino-aprendizagem vividas em sala de aula”. Para o Prof. Lucas, os cursos

de formação continuada “para sua prática docente têm sido de fundamental importância, em relação a ampliar meus estudos na área e possibilitar outras visões que não a minha e desconstruir ideias positivistas, elas me fazem circular em campos diferentes de ensino, do ensino da própria Biologia, da minha formação. Enfim, ela é o motivo principal da minha continuação e continuidade no trabalho docente”.

Assim, o PPGCEM corrobora em trazer discussões sobre o conhecimento de si, tal como as discussões sobre identidade docente, o que leva os professores-alunos a refletirem suas histórias de vida. Freire (1996, p. 23) nos leva a refletir sobre o inacabamento,

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que historicamente e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta a influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo.

O reconhecimento do inacabamento é evidente para a Profa. Cléa, quando ela relata,

Vejo que a importância da formação contínua para a minha prática docente está justamente no fato de me permitir sentir a incompletude, visto que sempre que encarto uma formação e aprendo algo novo, reflito sobre o universo de coisas que ainda não sei e que preciso aprender.

Para a Profa. Sandra, a incompletude, nas palavras de Freire (1996) como humana, pessoal e profissional, é necessária,

[...] então, a gente precisa sempre estar atualizado, sempre buscar uma formação, a nossa prática precisa ser refletida, sempre ser pensada... será que deu certo ou será que há coisas novas? Eu tenho que fazer leituras, estudar no doutorado para mim está sendo uma alegria muito grande, um aprendizado muito grande, a gente não aprende só lendo, a gente não aprende só construindo um artigo, a gente aprende em comunidade, na relação que a gente estabelece com os nossos colegas nas disciplinas, o quanto que a gente ouve, o tanto que a gente aprende com aqueles que são mais experientes.

Portanto, os lugares de formação contínua são relevantes para o processo de transformação docente haja vista que os professores poderão agir. A Profa. Débora destaca que,

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

[...] sem dúvida, a formação contínua é o que nos propõe reflexões sobre nossas práticas em sala de aula, nosso papel enquanto professores, nossa profissionalização, nossa função, nossas possibilidades. Graças às formações que adquiri depois da graduação, pude me desenvolver profissionalmente e mantenho constantes reflexões acerca do meu papel como profissional na sociedade.

Morin (2004), em sua Teoria da Complexidade, anseia pela combinação do disjuntivo e compreensão do homem em sua totalidade. Assim como Santos (2010), ressalta a necessidade de erguer valores que antes foram renegados, pois existe na atualidade uma emergência em compreender os conhecimentos globais e locais científicos e que devem prevalecer (paradigma de um conhecimento prudente), bem como um paradigma que contemple o aspecto social do ser humano (paradigma de uma vida decente), ou seja, atender as ausências que distanciaram a humanidade.

Essa visão é corroborada pela Profa. Marta que entende que ensinar “exige outros saberes e posturas que tornem esse profissional capaz de saber compreender as mudanças pelas quais passa a sociedade, e acima disso, compreender-se como parte dessas mudanças”.

O reconhecimento pela sua autoformação é talvez um dos pontos mais importantes para reflexão da complexidade do ensino-aprendizagem na contemporaneidade. Essa questão é destacada pela Profa. Marta, pois ela se diz “responsável pela própria autoformação”. Reconhecer-se enquanto sujeito reflexivo requer que intenções e ações passem por um processo de entendimento. O Prof. Lucas aponta esse processo como “uma postura de professor que reflete e que reflete sobre sua própria prática e pesquisa o ensino sobre o ensino”. Igualmente, a Profa. Sandra também ressalta a reflexão em sua narrativa, afirmando que “é uma professora que se sente desafiada constantemente” e que “a gente precisa estudar [...] a gente precisa estar atenta e ver a nossa como um processo que é reflexivo”.

As Profas. Marta e Sandra convergem em posição e vão além, destacam:

[...] para isso, é preciso ser um profundo conhecedor do ser humano e desejar que seus alunos aprendam, ter capacidade de liderança sem ser autoritário, buscar ampliar sua formação e ser responsável pela sua autoformação, saber trabalhar coletivamente e ter disposição para aprender permanentemente, ser humilde para reconhecer que não sabe tudo e para respeitar as fragilidades de seus alunos.

A partir do exposto, Nóvoa (2007, p. 7) considera que “não se trata de regressar a uma visão romântica do professorado (a conceito vocacionais ou missionários). Trata-se, sim, de reconhecer que a tecnicidade e científica exigidas no trabalho docente não limitam a capacidade do professor. É fundamental, portanto, reforçar a pessoa-professor e o professor-pessoa. Por fim, a Profa. Cléa sintetiza a docência em sua acepção:

[...] significa, acima de tudo, superação e encantamento. Digo superação pelos diversos desafios que nós professores precisamos encarar diariamente, desde valorização profissional (salarial e social), até as questões de condição de trabalho. Digo encantamento pelo o que sinto pela docência e pelo o que desejo despertar no meu aluno. Ser professor na atualidade é superar inúmeros desafios para encantar o outro e também manter o seu encantamento com a ação de ensinar e aprender mesmo quando tudo depõe contra.

Considerações finais

Pensar e discutir sobre identidade docente na contemporaneidade é tentar compreender o “ser professor” de maneira holística, haja vista que o debate perpassa por várias instâncias. No presente artigo, procuramos envolver alguns fatores favoráveis que nos conduzem a múltiplas identidades que compõem o professor. Suas histórias de vida anterior à docência relevaram marcas contundentes do “ser e fazer docente”, assim como a compreensão de si. Essa reflexão sobre a formação docente torna-se imprescindível para o entendimento da construção do processo identitário, uma vez que, conhecendo-nos já é um longo passo para a compreensão da complexidade no “fazer docente”.

Por último, destacamos a relevância dos espaços formativos de professores, os quais precisam ser pensados a partir da complexidade social, econômica, filosófica, epistemológica e metodológica, ou seja, um espaço conectado com as transformações sociais do cotidiano. Portanto, pensar em identidades profissionais docentes perpassa pelas transformações pessoais, laborais e formativas.

Referências

BARROS, J. A. Sobre o uso de conceitos nas ciências humanas e sociais- uma contribuição ao ensino de metodologia. **Revista eletrônica de iniciação científica e tecnológica**. Volume 1, nº 2. Artigo agosto de 2011.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

A construção do processo identitário: o conhecimento de si, do outro e dos espaços formativos para a compreensão da complexidade do processo formativo

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DUBAR, C. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução de Mary A. L. Barros. São Paulo: Edusp, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IDENTIDADE. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [Brasil]: Editora Melhoramentos, 2019. Disponível em: michaelis.uol.com.br. Acesso em: 13 fev. 2019.

MIA Couto. [*Frases e pensamentos*]. São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/mia_couto/. Acesso em: 13 fev. 2019.

GARCIA, C. M. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. Sísifo – **Revista das Ciências da Educação**, n. 08, p. 7-22, jan./abr. 2009

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MORIN, E. (Org.). **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução de Maria A. Caseiros e Manuel F. Ferreira. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992 a.

NÓVOA, A. Formação de professores e formação docente. In: NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992 b. pp. 15-33.

NÓVOA, A. Pensar la escuela más allá de la escuela. **Con-Ciencia Social**, n. 17, p. 27-38, 2013.

NÓVOA, A. **Vida de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

PERRENOUD, P. et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

PIMENTA, S. G. Formação de Professores: Identidade e Saberes da Docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, pp. 15-38.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Sobre os autores

Veruschka Silva Santos Melo

Doutoranda do curso de Pós graduação do Instituto de Educação Matemática e Ciências da Universidade Federal do Pará. E-mail: veruschkamel@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4488-682X>

Ariadne da Costa Peres Contente

Doutora em Ciências Sociais/ Antropologia / Mestre em Zoologia/Ecologia/Bióloga/Docente Instituto de Educação Matemática e Científica-IEMCI-UFPA. E-mail: ariadne@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9228-3690>

Luan Sidônio Gomes

Doutorando do curso de Pós graduação do Instituto de Educação Matemática e Ciências da Universidade Federal do Pará. E-mail: luansidonio@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8034-7965>

Recebido em: 08/03/2019

Aceito para publicação em: 14/04/2019